



# UNIDADE TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## DEFENDEI O TÊXTIL

Os inimigos dos trabalhadores os lacaios do patronato e os esbirros da PIDE procuraram atingir o nosso jornal, privando os têxteis desta importante arma de luta.

Defendei-o da acção policial. Fazei-o circular entre os companheiros de confiança. Ajudai-o financeiramente.

## A LUTA CONSEQUENTE DOS TÊXTEIS CONDUZIU A UM AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS

Durante anos, a classe têxtil travou um duro e pertinaz combate, para ver aumentados os seus salários.

Com esse objectivo, empreenderam lutas os operários têxteis da Serra da Estrela, que, em Janeiro do corrente ano, conseguiram a primeira vitória, com um aumento de 25 por cento. Acções reivindicativas importantes foram desenvolvidas pelos operários do Porto, Guimarães, Pevidém, Compeles, Negrelos, Vizela, Caniços, Carreira, Poldrães, Braga, através de paralizações de trabalho, de concentrações nas empresas e nos sindicatos, de abaixo-assinados ao Presidente da República, ao Ministro das Corporações, subscritos por milhares de assinaturas, exprimindo a firme vontade da classe, para que fosse satisfeito o seu pedido de aumento de 60 por cento, sobre os salários existentes.

Nalgumas empresas, como na Fábrica Coelho & Lima, de Pevidém, Calandra da Vitória, no Porto, os operários conseguiram melhorar os salários, apesar das resistências do patronato e do governo.

Podemos, pois, afirmar, que o aumento de 20 por cento, obtido pela classe com a assinatura do novo contrato, foi a consequência da nossa luta, dos nossos esforços continuados, da nossa Unidade. Sem a acção que conduzimos, durante anos, não teríamos obtido este sucesso parcial. A luta persistente e organizada constituiu a base dos êxitos da classe operária, embora nem sempre a vitória esteja à vista.

Mas o aumento de 20 por cento não vem satisfazer, nem de longe, as nossas necessidades fundamentais. O contrato colectivo não foi discutido pela classe e esta encontrou-se, mais uma vez, em face de um facto consumado, que a lesou

nos seus interesses.

O patronato e o governo fingiram ignorar que, durante os 8 anos em que se recusaram a aumentá-los os salários, o custo da vida subiu muito mais do que os 20 por cento que nos concedem agora. Só no corrente ano aumentou em 20 por cento o preço do bacalhau, em 37 por cento o da hortaliça, em 23 por cento o do peixe, para não falar noutros géneros.

Com os magros estudos que vamos receber não faremos face à miséria, ao desconforto, às necessidades existentes nos nossos lares.

Não conseguiremos aquele mínimo de condições essenciais a uma família operária, quanto à alimentação, vestuário, habitação e cultura.

A nossa luta por aumento de salários não pode parar. Temos que marchar em frente, mais unidos e cientes do direito de nos libertarmos da miséria e da exploração, em que tem decorrido a nossa vida.

Impõe-se que conduzamos novas lutas, que realizemos novas concentrações nas empresas e nos sindicatos, para conseguirmos melhores salários, melhores condições de vida.

## VITORIOSA PARALIZAÇÃO DE TRABALHO EM POLDRÃES

Na tarde de 5 de Novembro, as máquinas da fábrica M.A. SILVA & FILHO, em POLDRÃES, não tiveram braços para as fazerem produzir. Todos os operários do turno de dia paralizaram o trabalho.

Um acto abusivo do patrão, semelhante a muitos que diariamente se cometem nas empresas têxteis, contra a nossa classe, provocou uma justificada indignação entre os operários. Eles tinham sido multados em 2550, a pretexto dos defeitos registados nalgumas peças devolvidas, defeitos, aliás, provocados por deficiência dos próprios teares.

Por decisão unânime, resolveram largar o trabalho e dirigir-se em massa ao escritório. O patrão recusou-se a recebê-los. Perante a imortal atitude, os operários tomaram nova resolução: «Enquanto não fôrmos atendidos não regressaremos ao trabalho».

Mesmo ali, diante dos escritórios, onde o patrão fingia ignorar os seus

protestos, os nossos companheiros tomaram a magra refeição do almoço. Quando a sirene anunciou o recomeço do trabalho, ninguém arredou pé. Continuaram desertas as máquinas, as oficinas, os teares. Numa exemplar manifestação de Unidade e de espírito combativo aí se conservaram a tarde inteira.

O turno da noite veio ainda encontrá-los diante do escritório, onde o patrão continuava surdo aos seus pedidos. Postos ao corrente do que se passava a UNIDADE foi total. Ninguém pegou ao trabalho.

O patrão teve de ceder. Na noite fria que desceira, a vitória fora completa. Os operários não pagariam a multa. A sua muralha de coragem e de Unidade não teve brechas, por isso venceram.

Bravo! Valentes companheiros! Vós destes um magnífico exemplo a toda a classe, na luta que precisamos de travar, para pôr cobro aos roubos, às multas, aos castigos.

## ORGANIZEMOS A LUTA CONTRA O DESEMPREGO

Num país onde as pessoas tiritam de frio, onde as crianças sofrem dolorosamente os rigores do inverno, sem roupa para se agasalharem, a crise ronda a indústria têxtil. Na Serra da Estrela toma já proporções que preocupam seriamente os operários. A indústria de lanifícios está quase paralizada, embora os trabalhadores ainda recebam 80 por cento dos seus salários.

Dias amargos ameaçam os operários têxteis, pois os sintomas da crise começam a definir-se, quer na indústria de lanifícios quer na indústria algodocira.

A concentração industrial que o governo fomenta e apoia, servindo os interesses dos grandes industriais e dos grandes capitalistas vai dispersar muitos trabalhadores, lançando-os no desemprego.

A concentração industrial implica no desaparecimento da pequena e da média indústria, a introdução de teares automáticos, que não só aceleram os ritmos de produção e provocam o cansaço, como são um factor de despedimentos em massa, como já começa a suceder nas grandes empresas, que estão renovando a sua aparelhagem técnica.

A participação de Portugal na Zona de Livre Troca implica a introdução no nosso país, por preços de concorrência, de artigos da indústria têxtil das nações que fazem parte deste bloco económico.

A crise não se pode processar caindo, com todo o seu peso sobre os ombros dos trabalhadores.

A nossa classe deve organizar-se e unir-se para resistir aos despedimentos, à miséria e à intensificação dos ritmos infernais de trabalho, que a automatização traz consigo.

Em cada empresa, em cada localidade, em cada região da indústria têxtil, os operários devem resistir aos despedimentos, ao aumento do número de teares, exigindo e obtendo a garantia de trabalho para todos.

Em concentrações massivas nas empresas e no sindicato, junto do INT e das autoridades locais, em manifestações de rua, em pequenas e grandes paralizações, façamos sentir aos nossos exploradores e opressores que não estamos dispostos a aceitar a situação de miséria, que nos querem impôr.

## EXIJAMOS ELEIÇÕES SINDICAIS E O EMPOSSAMENTO DAS DIRECÇÕES ELEITAS

Está quase passado um ano da data em que se deviam realizar as eleições no sindicato têxtil do PORTO e a apresentação do Relatório e Contas. Há oito anos que se encontram à frente do sindicato indivíduos que marcam sempre posição contra os interesses da classe. O actual presidente leva tão longe o seu zelo pelos interesses dos patrões que numa reunião em que se discutiu a necessidade de aumento de salários, ele combateu esta ideia, afirmando que o patronato têxtil se não encontrava em condições de conceder um tal aumento.

Talvez este e outros factos expliquem a razão por que ele encontrou dinheiro para comprar um automóvel, com que se desloca para o sindicato, que é mantido com o dinheiro dos trabalhadores.

Em FORTOZENDO, há 15 anos que o sindicato se encontra em regime administrativo.

As recentes diligências de uma comissão de têxteis, para que se realizassem eleições, o delegado do INT respondeu que... aguardassem até que a situação do sindicato da Covilhã fosse regularizada.

## O PLANO SEPTENAL na União Soviética

O plano septenal, feito unicamente para aliviar o esforço dos trabalhadores e aumentar ainda mais o nível de vida de todo o povo soviético, garante aos trabalhadores a redução da jornada de trabalho assegurando-lhes um aumento do seu poder de compra.

A baixa dos preços nos estabelecimentos de alimentação pública farão aumentar em mais de 40 por cento as receitas dos operários e empregados em 1965.

Em consequência da redução da jornada de trabalho para 5 e 6 horas diárias em 1964 os operários soviéticos poderão dedicar muito mais tempo à família, à educação dos filhos e ao seu próprio desenvolvimento intelectual.

A União Soviética conta hoje 1 milhão e 700 mil trabalhadores que trabalham e estudam em estabelecimentos de ensino superior ou secundário especial.

Orn sucede que a direcção do sindicato da COVILHÃ ainda não tomou posse, apesar de ter sido eleito em 12 de Setembro do corrente ano, por mais de 600 votos.

Desde junho que os operários têxteis de BRAGA aguardam o cumprimento da promessa da actual direcção do seu sindicato, para que se realizem novas eleições.

Também a direcção do Sindicato Têxtil de GUIMARÃES resolveu encerrar o sindicato no primeiro domingo de cada mês, contrariando assim uma disposição estatutária, com o objectivo de voltar as costas aos interesses dos trabalhadores, que se acorriam para discutir os seus problemas.

Estes e outros actos anormais exigem uma acção firme da classe.

Formemos nas empresas COMISSÕES SINDICAIS, que em nome da classe e apoiadas por esta reclamem junto do sindicato e do INT a realização rápida de eleições e o empoamento das direcções eleitas.

Elaboremos listas de operários honestos para as eleições a realizar. Exijamos através de concentrações que seju reaberto ao domingo o sindicato de Guimarães, e que seju

### RUBRICAS PARA O TÊXTIL

Amigo do Povo	74,50
Contra a automatização que gera o desemprego	125,00
Contra a automatização que gera o desemprego	121,50
G.N.	30,50
Integrados de Salazar	5,00
Jardão a lutar	7,50
Novos amigos de O Têxtil	102,50
Novos amigos de O Têxtil	102,50
Novos amigos de O Têxtil	50,00
Operários auxiliares do Têxtil	70,50
Os 4 irmãos de luta	28,00
Os 4 irmãos de luta	15,00
Fala queda do fascismo	22,50
Fala queda do fascismo	45,00
Um grupo de trabalhadores libertados	15,00
Uma amiga de O Têxtil	12,50
União Kail	28,00
Ze Monst	10,00
<b>TOTAL</b>	<b>330,00</b>

NOTA: - Por falta de menção nas nº 27 a rubrica "A automatização gera o desemprego" . . . 15,00

## Ecos da exploração EM TORTOZENDO

Afirma JOÃO AFONSO, de TORTOZENDO, têm acontecido as maiores injustiças e immoralidades, desde que nela presta serviço o debuxador MONDEGO. No curto espaço de 3 meses despediu dois tecelões, sem motivo justificável. Substituiu-os por outros, mas não lhes pagou o salário que o contrato determina.

Só tem palavrões e atitudes de baixeza para as operárias. Ainda há pouco tempo uma rapariga e o namorado foram despedidos, porque aquela não acedeu aos intentos bestiais do MONDEGO.

Na firma de lanifícios JOÃO PONTIFÍCIO FILHOS, de TORTOZENDO, os patrões inauguraram recentemente um serviço de controle, que força os operários que têm de se assentar a preencher uma ficha, onde devem declarar o local para onde vão e os motivos que aí se encontram.

## NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Na fábrica do CASTANHEIRO foi castigada uma operária com uma semana só por estar agachada e meter a rama para uma teia.

Nesta fábrica, uma operária que esteve de parto e foi ao escritório pedir o subsídio a que tinha direito, foi posto, por represália, a três dias de trabalho.

Na VILA POUCA, os famigerados Bomba e Freitas, agora acompanhados pelo Teixeira, mais conhecido por «O Lamego», continuam a perseguir o pessoal e a castigar a torto e a direito.

Na FÁBRICA DO MINHOTO a exploração continua a ser escandalosa. Cinco operárias desta firma desde Agosto que estão a levar para casa 57\$00 de fédia semanal ao fim de 6 dias de trabalho!

O patrão da FÁBRICA FRIOLAX de tudo lança mão para refinar a exploração a que submete as operárias. Agora meteu uma mestra só para chegar às coisas às operárias a fim de que elas não percam tempo; estas não podem falar; quando precisam de alguma coisa levantam a cabeça e logo a tal mestra se aproxima e lhes chega o que for preciso. Esta mulher, autêntico cão de fila do patrão, insulta, multa e despede ao menor pretexto, mantendo um am-

## A EXPLORAÇÃO NAS EMPRESAS DO PORTO

Na FIL estiveram ameaçadas de despedimento 11 operárias jovens porque resolveram casar e não consultaram o patrão, o architecto Gaspar de Sousa Coutinho, que como patrão policial até na vida particular dos operários quer mandar. A arbitrariedade, demasiado flagrantemente, levantou protestos. Perante a acção de firmeza das jovens este sobra recuou nos seus asquerosos intentos.

— Na Fábrica SEBASTIÃO MOUTINHO o patrão «aconselhou» uma operária antiga a governar a sua vida, porque ia pôr todo o pessoal a trabalhar com 4 teares manuais e ela não aguentaria.

Os operários da MOUTINHO não devem permitir neste injusto despedimento. O que hoje acontece a esta nossa companheira pode acontecer amanhã a outros.

Recusai-vos a trabalhar com 4 teares!

Um tal Bernardino, que foi duran-

te quase 20 anos porteiro de dia, operário de todos os serviços mais pesados e guarda nocturno da fábrica do industrial FONSECA CARVALHO, acabou por tubercular, estando já sem direito de assistência da Caixa porque todos os beneficiários são abandonados ao fim de 9 meses, curados ou não curados. E o patrão a quem ele serviu tantos anos com o maior zelo, agora que ele não pode trabalhar abandonou-o também. São agora os operários, a quem esse tal porteiro tratava autoritariamente, que consentiram em descontar todas as semanas uma cota dos seus magros salários, durante um ano, para ele não passar tanta fome, até que tenha novamente direito a assistência da Caixa.

Na Companhia Fiação e Tecidos do Porto, os patrões meteram máquinas mais modernas na secção de fiação e despediram cerca de 26 operárias, algumas já com muitos anos de casa e de idade avançada. Estes despedimentos deram motivo a muita indignação e protestos entre o pessoal.

## PREPOTÊNCIAS nos plásticos

O selvagem António Pontes, da fábrica PÁTRIA, mandou criminosamente um operário que ele sabe doente dos pulmões para uma estufa que é cheia de humidade. O operário recusou, mas este facinoroso insultando-o, ameaçando-o e maltratando-o, obrigou-o a ocupar o lugar, onde corre risco de vida.

## VIOLÊNCIAS NAS EMPRESAS

Na fábrica ARAÚJO & GONÇALVES, em REBORDÕES, o encarregado José Martins, mais conhecido pelo «Rebobie», agrediu um operário apenas porque este estava com a fralda da camisa de fora.

Na fábrica MARTINS FERREIRA, RONFE, e na firma LINO & COELHO de ALVIM BARROSO, PONTE DE SEVRES, em GONDAR, os patrões descontam para a Caixa de Previdência apenas sobre o salário mínimo de 22\$50, apesar dos operários trabalharem por sua conta, de modo que estes recebem

o Abono de Família pelo escalão mais baixo. Além disso pagam o Abono com muito atraso.

Estas firmas não pagam os subsídios de parto às operárias que a eles têm direito.

Na fábrica de Albano Coelho Lima, em PEVIDÉM, basta que um operário abra a boca para falar a um colega mesmo sobre o trabalho que estiver a fazer, para sofrer imediatamente multa de 5\$00 a 10\$00. Mas se uma máquina pára por um momento, o operário é multado de 10\$00 a 20\$00.

## A LUTA DOS TÊXTEIS contra os despedimentos

A que situação será conduzida a nossa classe se não se organiza e não luta junto do patronato, dos organismos corporativos e das autoridades?

A cada nova forma de exploração devemos saber responder com a nossa unidade e a nossa luta. Só a Unidade e a luta nos libertarão da situação de miséria em que vivemos.

Seguindo este caminho, os nossos companheiros da FÁBRICA DE CAMPO ALEGRE, no PORTO lançaram-se na acção contra o encerramento desta empresa, que foi comprada para ser desmantelada. Todo o pessoal subscreveu uma exposição ao governador civil (só não assinaram os analfabetos e os doentes), em que se pedem providências para a sua difícil situação.

Convocados pelo patrão para receberem ascartas de despedimento, os operários recusaram-se a assinar.

Os postais que a empresa lhes enviou pelo correio, comunicando-lhes o despedimento, foram igualmente devolvidos, sem a assinatura no avizo de recepção.

A firma A SILVA JUNIOR Lda, de POLVOREIRA, encerrou também a sua fábrica de colchas, sem motivo justificado e sem ser por dificuldades financeiras. Este encerramento lançou na mais negra miséria os seus 31 operários, que representam 130 pessoas de agregados familiares.

Os operários, baseados na Cláu-

sula 41ª do C.C.T., puseram uma acção contra o dono, o conhecido capitalista Magalhães, da Cifa, tendo ainda um empregado de armazém apresentado queixa por falta de pagamento de horas extraordinárias e de férias de 1948 a 1959.

Operários da FÁBRICA DE CAMPO ALEGRE e da firma A. SILVA JUNIOR, Lda! Continuai a vossa luta contra o encerramento das vossas empresas. Exigi que vos seja garantido trabalho, junto dos patrões, das autoridades locais e dos organismos corporativos.

Ide em massa, com vossas mulheres e filhos, reclamar que reabram as fábricas ou vos coloquem, noutras empresas, sem perda de regalias a que a vossa antiguidade dá direito.

Só lutando unidos conseguireis alcançar a vitória. Em frente companheiros! Está em jogo o vosso pão e o pão dos vossos filhos!

## OS OPERÁRIOS DE TORTOZENDO apresentaram uma exposição

As alterações impostas ultimamente às Caixas de Previdência por determinação ministerial vieram lesar as possibilidades de Assistência aos trabalhadores, que já bem reduzidas eram.

A 15 de Novembro uma comissão de têxteis de TORTOZENDO dirigiu-se ao Sindicato, onde se encontravam o presidente da Caixa de

## CONTRA A FALTA DE PAGAMENTO DE SALÁRIOS

Os patrões da firma PINHEIRO & OLIVEIRA, de PEVIDÉM, usam e abusam das formas mais refinadas de exploração, colocando o pessoal em precárias condições.

Entre as várias irregularidades que cometem está o facto de não pagarem os salários a, alguns, dos seus operários.

Por este facto estes lhes moveram um processo, no valor de mais de 40 contos, que deu entrada no Tribunal.

A acção judicial, movida por alguns operários da firma Pinheiro & Oliveira é inteiramente justificada. Ela reflecte, porém, uma certa tendência para o recurso à justiça fascista, que não existe para defender os interesses dos trabalhadores, mas daqueles que nos exploram.

Sem pôr de parte tais formas de acção, a classe têxtil deve voltar o seu esforço fundamental para a luta pela unidade junto da empresa e do sindicato.

Previdência e o delegado do INT, para lhes dar parte de algumas reivindicações da classe e fazer-lhes entrega de uma exposição sobre o problema da Assistência.

Nessa exposição os têxteis de lanifícios podem que seja abolido o pagamento de 25 por cento sobre os medicamentos, recentemente decretado, que melhora em pensões aos reformados, aumente o prazo concernente ao período de doença, e o subsídio que é concedido por lei, nesta altura.

Os pontos essenciais desta exposição não dizem respeito apenas aos operários têxteis dos Lanifícios, mas a toda a classe operária portuguesa. Esta vê subtrair verbas avultadas ao fim de cada ano dos seus magros salários, com que o governo subsidia empresas capitalistas, enquanto os trabalhadores suportam as consequências de uma assistência que é pura demagogia, que não cuida seriamente da sua saúde, não os protege, não os assiste, não os defende da acção nefasta das doenças profissionais e de outra natureza, que dizimam prematuramente milhares de operários.

## A LUTA DAS OPERÁRIAS CANELEIRAS

Na fábrica DIOGO H. BARBOT, do PORTO, as operárias caneleiras trabalham de empreitada. Como as máquinas não dão vazão aos teares o patrão decidiu que elas passassem a trabalhar horas extraordinárias, resultando daí, ao fim da semana, um salário superior ao que normalmente recebem. Mas o patrão, verdadeiro explorador, em vez de lhes pagar o salário que elas ganharam, acrescido do aumento das horas extraordinárias, baixou-lhes o preço da tabela do algodão canelado. Deste modo lhes roubou várias dezenas de escudos nessa semana. Indignadas com semelhante roubaria as oper-

árias dirigiram-se em massa, junto do engenheiro, para protestarem, contra esta forma de exploração e para reclamarem que lhes fosse pago o salário que por lei lhes era devido. O engenheiro prometeu tratar do assunto, mas nada fez de concreto. Em sinal de protesto as nossas companheiras tomaram a resolução de não fazer mais horas extraordinárias, mas ficaram a trabalhar com as tabelas inferiores, o que lhes provocou uma grande baixa nos salários.

A luta das operárias desta fábrica, embora tivesse aspectos de firmeza, no seu início, não foi conduzida do mesmo modo até ao fim.